

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
UNESP - BAURU**

GABRIEL GARCIA TOMAZ

JÁ É TEMPO: UMA PUBLICAÇÃO VIRTUAL

**BAURU-SP
2018**

GABRIEL GARCIA TOMAZ

JÁ É TEMPO: UMA PUBLICAÇÃO VIRTUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
banca examinadora da Universidade, como
requisito para obtenção do título em Bacharel
em Design Gráfico.
Orientador: Prof. Dr. Dorival Rossi

**BAURU
2018**

GABRIEL GARCIA TOMAZ

JÁ É TEMPO: UMA PUBLICAÇÃO VIRTUAL

Relatório final de trabalho de conclusão de curso, apresentado à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Design Gráfico.

Bauru, 29 de Novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dorival Rossi

Prof. Dr. Mônica Moura

Bel. Rodrigo Malcom de Barros Moon

RESUMO

Esse projeto consiste na construção de uma experiência visual - ilustrada por fotos, GIFs e grafismos vetoriais - que é guiada por um diálogo textual narrativo, desenvolvendo uma temática alegórica à pesquisa desenvolvida sobre a percepção temporal e a memória do ser humano. A narrativa se desenvolve em 6 capítulos, compilados e publicados online em formato de um website.

ABSTRACT

This project consists on the production of a visual experience - illustrated by pictures, GIFs and vector art - that is guided by a textual dialogue, developing an alegoric theme to the research made on the time perception and memory of human beings. The narrative is developed in 6 chapters, compiled and published online in the form of a website.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO

2. O INÍCIO

2.1- MOTIVAÇÃO PESSOAL

2.2- A PESQUISA

2.3- METODOLOGIA E CRONOGRAMA

2.4- PRÉ PRODUÇÃO E REFERÊNCIAS

3. O MEIO

3.1- PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

3.2- OS TRILHOS DO TREM

3.3- MUDANÇA DE PLANOS

3.4- OS ÚLTIMOS ENSAIOS

4. O FIM

4.1- PÓS PRODUÇÃO, PLATAFORMA E TEXTO FINAL

4.2- MONTAGEM FINAL

4.3- IDENTIDADE VISUAL

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1- AS DIFICULDADES E O APRENDIZADO

5.2- DISCUSSÃO

6. BIBLIOGRAFIA

1- INTRODUÇÃO

O projeto por aqui relatado se define como uma publicação virtual que, ilustrada e acompanhada por fotos e GIFs, desenvolve uma narrativa textual e visual que contextualiza e faz alegorias à pesquisa desenvolvida sobre a percepção temporal e da construção da memória no ser humano. Apesar de parecer um tema muito complexo, a publicação tem um cunho justamente oposto, de tornar simples e acessível a sua mensagem. Por meio de uma narrativa direta e de espaços de contemplação e reflexão, o texto apenas faz alusão aos conceitos pesquisados, de forma a incitar no leitor os mesmos questionamentos, como também, certas conclusões que levaram a pesquisa a se desenvolver.

A partir de uma reflexão sobre a hiperconectividade do mundo e seus sistemas infinitamente complexos, que são avaliados e interpretados por nós através de nossos próprios túneis de percepção, tento com esse projeto incitar o pensamento de corresponsabilidade que temos com nós e com o mundo. Acredito que a revolução da consciência é o único caminho possível para o real engrandecimento da espécie humana e vejo nas novas tecnologias uma ferramenta para tornar essa reflexão possível. Quis com essa publicação comunicar, através de um diálogo com o leitor, o poder que o ser humano pode atingir apenas com a mudança de sua perspectiva.

“(…) Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar noção.
O que sustenta a encantação de um verso (além do ritmo) é o
ilogismo.
Meu avesso é mais visível do que um poste.
Sábio é o que adivinha.
Para ter mais certezas tenho que me saber de imperfeições.
A inércia é meu ato principal.
Não saio de dentro de mim nem pra pescar.
Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore.

(…)

Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria.
Não preciso do fim para chegar.
Do lugar onde estou já fui embora.”

(BARROS, Manoel de. **Um Livro sobre o Nada**, 1 ed., Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2016)

2. O INÍCIO

2.1- MOTIVAÇÃO PESSOAL

Esse projeto de conclusão de curso teve na verdade seu início no segundo semestre de 2017, com o aumento do meu interesse real por fotografia. Até então meu contato com as câmeras se limitava a tirar fotos, pelo celular, como recordação de paisagens naturais que visitava nas viagens que fazia - e sempre me frustrava com a incapacidade do meu gadget de registrar a beleza do lugar e momento em que eu estava.

Entrei em contato pelas primeiras vezes com uma câmera semiprofissional, DSLR, quando comecei a frequentar a aula de Fotografia de Estúdio, como disciplina optativa. Ali me vi fascinado pelo controle total que se é possível obter sobre o resultado de uma foto com o planejamento das luzes e, claro, criatividade. Foram nessas aulas do professor Celso Mellani, e com a paciência de meus amigos que aprendi todo o básico sobre o funcionamento de uma câmera. Estar no estúdio também me abriu os olhos para a possibilidade de me conectar com as pessoas através da fotografia e poder expressar ali algo que fosse em comum da nossa experiência, mesmo que com uma meta clara a se cumprir em um projeto.

Crescia ali um interesse novo, talvez, no meu momento mais desinteressado por Design. Eu havia retornado do meu intercâmbio pelo Ciência sem Fronteiras, no final do ano anterior. A Irlanda me proporcionou experiências incríveis e transformadoras e lá, onde o sol não esquenta e nem aparece como aqui, eu tirei tempo para pensar sobre a minha escolha de fazer Design Gráfico e me inserir em sua área de mercado. Por mais que esse ano fora também tenha me ensinado muito sobre o Design e as artes em geral, eu me via desmotivado com os trabalhos. As noites se estendiam e tomavam o lugar dos dias, que eram em geral nublados e chuvosos, e os trabalhos pareciam se estender também mais do que o normal - mesmo os trabalhos em grupo terminaram por ser bem solitários.

Acabei refletindo que, naquele mercado que conheci, não poderia me enquadrar e, quando voltei para a UNESP, isso culminou em um estado de espírito um tanto quanto decepcionado e inerte em relação ao Design. Sentia os trabalhos também se arrastando entre meus dias. Só comecei a me motivar novamente com os trabalhos de animação, que me lembraram o motivo primordial de ter entrado nessa área: a paixão pelas narrativas e histórias do cinema.

Contudo, me deparei, novamente, com um mundo de informações para se desbravar, e a seriedade da escolha de entrar em um novo campo talvez tenha me sido muito. Mais tarde com a fotografia essa paixão pôde tomar uma forma menos laboral e mais envolvente. Mesmo que eu gostasse do controle que a animação me oferecia sobre todos os aspectos de uma representação - o que o estúdio também veio a oferecer de certa forma depois - foi a imprevisibilidade contida na fotografia que mais me interessou. A opção de se registrar exatamente o que se quer sobre um momento específico é poderosa. A fotografia finge congelar o tempo e nos dá a ilusão de capturar um fragmento da realidade factual, mas ela é apenas o reforço de um ponto de vista bem específico. O da câmera. É uma máquina que pinta o que percebe da realidade, assim como nós. Se eu conseguisse entender e dominar a forma como a câmera faz isso, talvez conseguisse exprimir um pouco do meu próprio ponto de vista. A fotografia se tornou ali, nessa realização, para mim uma forma de simplificar e reforçar meu ponto de vista de um momento, e, intuitivamente, se tornou então um ponto de refúgio para direcionar os meus projetos dentro e fora da academia. Ainda estou, portanto, bem no início da minha jornada pelo universo da fotografia.

Mas como me adaptar, então, ao que esse mercado poderá me exigir? Uma das minhas decepções com o design gráfico era justamente a super exposição de estímulos visuais a que somos submetidos nesses novos tempos, e isso parece ocorrer de forma ainda mais escancarada na fotografia. As mídias sociais nos celulares reduzem toda informação a um quadrado de aproximadamente 6 por 6 centímetros, para nem 5 segundos de atenção. Eu não via motivo para dedicar um dia inteiro de trabalho para divulgá-lo de uma forma que não o contemplasse, que eu não pudesse oferecer uma experiência completa.

Refleti então que eu, provavelmente, poderia olhar para esses fatos sob uma nova perspectiva. Durante a pesquisa, lembrando as imersões de semiótica do professor Dorival, resolvi ler sobre um dos autores citados durante as aulas, *Steven Johnson*. Acabei me deparando então, na biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com o livro *Emergência*, que descrevia sistemas emergentes que se autoprogramavam sem um líder central e que eram extremamente eficientes. Um dos exemplos dados pelo autor é o sistema das colônias de formigas, em que a formiga ‘rainha’ na verdade apenas cumpre uma função reprodutiva, e não de ‘chefe de estado’ da colônia - elas se auto organizam através de sua inteligência coletiva. Talvez esse fato parecesse trivial aos meus olhos em outras épocas de minha vida, mas perceber e ilustrar internamente essa nova forma natural e conectada de

organização coletiva abriu um novo horizonte na minha visão de futuro para esse mundo tão recentemente hiper-conectado, nem que apenas filosófico.

Somos seres sociais, feitos para intuitivamente nos conectarmos uns com os outros. Nossa sobrevivência se baseia nisso e a internet com suas mídias sociais, sendo apenas mais uma de nossas ferramentas, age em função disso também. Partindo dessa perspectiva só nos resta a escolha de como usar tais ferramentas, e quero influenciar para que possam também nos lembrar de estarmos mais conectados com nossa natureza e o momento presente - que é onde, acredito, realmente sempre almejamos estar. Se hoje penso assim, e creio nisso como um pensamento revolucionário no sentido de que incentiva o status quo a se movimentar para um lado menos destrutivo, devo muito também a essa hiper conexão. A maioria dos contatos e informações que tenho, e que me ajudam tanto em todas as minhas áreas de estudo, tenho porque indivíduos tomaram seu tempo para compartilhá-las pela internet; a sociedade de hoje tem toda uma estrutura que surgiu graças a esse tipo de compartilhamento online e acredito que devemos trabalhar por valorizar esse lado das mídias digitais, ao invés do lado que nos adoenta, do culto à imagem do mercado. É possível usar o sistema estabelecido para incentivar também as pessoas a pensar alternativas para um futuro que se enquadre fora de seus próprios padrões presentes, mesmo que estes sejam planos poderosos. É preciso muita cautela e inteligência, pois se sabe da resistência sistemática à toda e qualquer forma de resistência cultural, mas uma vez plantada a semente da consciência dessa nova ideia em alguém, ela terá sempre o potencial para germinar em algum momento. A saída que achei foi na compreensão que a realidade é muito superior à qualquer uma de suas representações, independente da mídia que criarmos, e que temos então apenas a escolha de qual ponto de vista reforçarmos e comunicarmos sobre ela. Se essa limitada mensagem que posso comunicar sobre a realidade já for o suficiente para que alguém queira viver a sua vida mais feliz e conectado com seu ambiente, assim como essas mensagens serviram para mim, já valeu a pena. Este trabalho surgiu dessa motivação.

2.2 - A PESQUISA

Um brevíssimo resumo

Comecei a pesquisa lendo trabalhos de conclusão de curso realizados na UNESP na área de semiótica e fotografia. Logo encontrei um trabalho intitulado de *‘Memórias da Caixa Preta’*, de 2012, que me foi muito importante na busca de referências e inspirou minha pesquisa. A partir dele tive o ímpeto de ler sobre a filosofia que envolve fazer uma representação visual de um momento, sobre como percebemos o mundo através de nossos sentidos, sobre o que está por trás das inteligências artificiais e me interessei até por ler os poemas de Manoel de Barros, poeta citado por ele. Mas embora alguns questionamentos levantados no seu trabalho sejam parecidos com os meus, existe um distanciamento no que tange a intenção do projeto: se esse TCC buscava uma forma de fazer uma ‘fotografia sem máquinas’, querendo evocar uma memória mais diretamente, meu trabalho não seria focado em evocar memórias, mas sim na construção delas. Eu queria entender, com a pesquisa, como construímos uma recordação de um momento e o quanto somos responsáveis pela forma como aquilo é registrado em nossa memória.

A leitura dos TCCs e suas referências me trouxe também a curiosidade de conhecer melhor sobre a filosofia e a sociologia contemporânea, incluindo as atuais teorias e a filosofia do design. Nesse intuito li desde o TCC do Rodrigo Malcom, *‘Devir Design’*, de 2017, que influenciou ideias conceituais que foram primordiais para esse estudo, até livros mais exotéricos como *Prometheus Rising*, de *Robert Anton Wilson*, que passei por alguns capítulos em busca de entender como funciona o processo de aprendizado no interior do ser humano. Mas ao final o que mais me chamou a atenção foi o reconhecimento unânime, em quase todos os trabalhos que encontrei, da interconexão complexa pela qual se entende a humanidade hoje. O trabalho pôde então, através da pesquisa, ter as bases conceituais para que uma publicação fosse pensada de sua pré a sua pós produção como um experimento de sua própria mensagem. A intenção da publicação passou a ser comunicar justamente o próprio questionamento levantado pela pesquisa.

Os Tempos Líquidos e os Sistemas Emergentes

Logo no primeiro mês de pesquisa ganhei de presente de minha mãe, pela indicação de minha companheira, o livro *‘Tempos Líquidos’*, do escritor e sociólogo Zygmunt Bauman. É um texto pequeno mas que ainda não cheguei ao fim. Lá por 3/4 do texto julguei que na verdade ele não dissesse muito sobre o que me interessava do autor para a pesquisa: os tempos líquidos. Ele explica a sua teoria sobre a liquidez da sociedade de hoje com mais profundidade em outras publicações, essa apenas percorre o tema muito rapidamente, desenvolvendo o resto do seu conteúdo falando sobre o projeto de insegurança nas grandes cidades, sobre os absurdos que são os campos de refugiados no mundo, sobre a desintegração da solidariedade social e sobre algo mais que ainda não li. Mas esse livro mais tarde se provou conectado com a ideia dos sistemas emergentes, que vim a ler no livro *Emergência*, de Steven Johnson, o que me foi primordial nessa etapa de conceitualização do trabalho.

Zygmunt Bauman discorre nesse livro sobre a ideia dos campos de refugiados serem localizados em um limbo: são mantidos, por forças totalmente fora de seu alcance, em uma área isolada do resto do mundo, em que os seus habitantes são privados de qualquer perspectiva de vida, não podem voltar para onde vieram e nem são bem vindos em nenhum outro lugar e portanto “nunca estarão livres de um persistente senso de transitoriedade e indefinição” (BAUMAN, 2007). Ele cita em seguida no texto a obra de *Loic Wacquant*, que é um estudioso das formações dos ‘guetos’ e ‘hiperguetos’ nas grandes cidades, tanto no passado quanto em nossos dias. Em suas pesquisas essas aglomerações de pessoas são também exemplos de comunidades que mostram capacidade de auto organização, por mais violento e até insustentável que seja o ambiente criado, e Bauman traça as semelhanças desses sistemas com os campos de refugiados.

Além de me fazer refletir sobre a infeliz e miserável condição a que estão submetidas essas pessoas, as analogias que o autor constrói me remeteram aos sistemas emergentes que Steven Johnson teoriza. É uma interseção facilmente perceptível se considerarmos que Johnson também explica sobre os sistemas emergentes nas grandes cidades e a capacidade deles agirem de acordo com um padrão que está em eterna mutação, sem uma ordem centralizada, num sistema hiperconectado. O campo de refugiados seria um exemplo

perceptível de como essas aglomerações de pessoas se auto organizam e se remodelam eternamente sem a necessidade de uma estrutura centralizada.

O fato de enxergarmos a humanidade de forma descentralizada abre a possibilidade para entendermos também o nosso papel e lugar no mundo sob uma outra perspectiva. Sob a ótica que podemos ver *Deleuze* explicar em uma entrevista dada para o programa *O Abecedário de Gilles Deleuze*, da televisão francesa, em 1998, ser de esquerda ou direita é apenas uma questão de perspectiva. Segundo ele ser de direita é sempre perceber o mundo começando pela perspectiva do ‘eu’, e ser de esquerda seria começar por perceber todo o mundo e só depois se posicionar dentro dele, em seu devido lugar. Vejo isso como sendo exatamente o que seria se reconhecer como parte de um sistema complexo, do qual se é dependente e o qual depende de você e todas as outras partes para se remodelar por inteiro a cada dia. Entendo como muito empoderador, por mais contraditório que pareça, fazermos essa retirada do ‘eu’ do centro da questão. Pois sendo ‘eu’ apenas parte de um sistema infinitamente complexo, então teria ainda mais potencialidade para agir num padrão completamente inovador, por ser parte de um sistema infinito, e para influenciar o sistema como um todo, sendo ele hiperconectado. O ‘eu’ se torna parte, igualmente importante a todas as outras, de um movimento dinâmico e eterno. Tenho mais poder em um sistema assim do que jamais teria em um mundo em que me colocaria no centro, no qual meu ‘eu’ seria delimitado e teria que lutar contra todas as forças externas, que me são alheias e hostis.

Manipulação das massas, Google Deep Dream e Inteligência Artificial

Essa divagação filosófica sobre o poder me levou a pensar sobre a manipulação das massas através das mídias sociais, através das informações contidas em seus enormes bancos de dados, fato hoje já comprovado até no nível judicial. Não quero discorrer aqui sobre o que isso representa, mas pensar na potencialidade que têm as novas tecnologias em desempenhar esse papel.

Nessa pesquisa sobre a *big data* acabei me deparando com o *Google Deep Dream*, sensação da internet em 2015, que é um software que processa imagens comuns e as transforma, através do uso da inteligência artificial (I.A.) em padrões psicodélicos, em que a imagem original fica pouco ou nada reconhecível. Esses padrões bizarros acabaram por evocar a figura de animais - lesmas, cachorros, patos e coelhos, prioritariamente - na mente

dos interlocutores. Quis entender o que nos atraía naquilo, porque os padrões evocavam esses animais daquela forma e principalmente, como reproduzir aquele tipo de abstração.

Para entender o *Deep Dream*, é necessário entender como o processo de aprendizado da inteligência artificial funciona. Não cabe aqui me alongar em conceituação ou falar sobre os outros tipos de IA, mas a usada especificamente pelo programa aqui referido foi desenvolvida inspirada em modelos de como nosso cérebro, ou mais especificamente o córtex visual, funciona. Essa IA é um programa segmentado em múltiplas camadas de processamento de imagem, e a cada camada é determinado um campo de percepção específico, de forma que, entre o input e o output, cada uma delas é ativada de acordo com o grau daquela característica específica que a imagem sendo processada apresentar. No caso do *Deep Dream*, certas camadas de reconhecimento de padrões, por exemplo de contraste, cor e, claro, animais, são programadas para serem mais estimuladas, por várias vezes, e isso gera os resultados bizarros que vemos. É como quando vemos um rosto na foto das montanhas de marte, porque nosso cérebro tem por padrão reconhecer essas formas familiares. O software é estimulado a aprender a ver animais e psicodelia em qualquer coisa.

O modelo é uma simulação dos nossos neurônios, com suas funcionalidades específicas de reconhecimento de padrões, e dos caminhos que os estímulos elétricos tomam em nosso cérebro, gradativamente ativando esses neurônios específicos, até chegar num output definitivo da percepção. Existe um padrão no caminho dos estímulos elétricos no cérebro para cada uma de nossas percepções sensoriais, e esses padrões são extremamente eficientes em reconhecer os padrões do mundo sendo percebido. É no entendimento disso que os cientistas de IA querem se aprofundar e aprender a reproduzir: como funciona a incrível habilidade do ser humano de reconhecimento de padrões.

Um dos estudiosos mais peculiares e incríveis que encontrei nesse sentido é também artista. Memo Akten se descreve em seu site como “um artista, pesquisador e philomath (termo grego para amante do aprendizado e do estudo) - (...) inspirado pelas colisões entre natureza, ciência, tecnologia, ética, tradição e religião.” (*tradução livre*). Ele está desenvolvendo o seu PHD pela *Goldsmiths University* de Londres em inteligência artificial e interação expressiva entre homem-máquina. Sua arte e filosofia é baseada na ideia de que é possível entender sobre como percebemos o mundo através do funcionamento dessas inteligências artificiais.

Em um texto em seu blog intitulado “*Deepdream is blowing my mind*”, ele descreve o que ele chama de poesia por trás do software. O texto discorre sobre como o programa é ensinado a estimular certos padrões de percepção de imagem e a exacerbá-los no resultado final, o que não significa que o programa veja a imagem daquela forma. O resultado final é apenas um *snapshot* de uma parte da forma como o programa vê a imagem como um todo, então quem realmente completa o ciclo de interpretação é o interlocutor. O programa é inclinado a ver coisas que remetam a certas formas em qualquer coisa a que for alimentado, mas quem realmente as reconhece na imagem somos nós. O autor termina por fazer uma relação disso com o nosso processo de interpretação da realidade, que é extremamente subjetivo, e sobre como estimulando certas áreas do cérebro a serem mais ativas, podemos modificar essa interpretação. Ele indica que isso já ocorre o tempo todo, como quando vemos formas familiares nas nuvens, por exemplo, mas que o *Deep Dream* dá a dimensão de como isso ocorre a nível neurológico, quase como uma doutrinação, nos dando o exemplo certo de como quanto mais acreditamos em algo, mais estamos inclinados a confirmar esse algo em tudo que vemos.

Umwelt e túneis de realidade

Essa reflexão sobre as nossas inclinações subconscientes para interpretarmos o mundo de uma certa maneira me levou diretamente a ideia de Umwelt, que entrei em contato através do estudo do TCC do Rodrigo Malcom, já citado anteriormente, o qual ele teve a gentileza de me enviar e me ensinar muito sobre. Através de seu texto pude molhar os pés no mar de estudos da filosofia contemporânea, e ter um pequeno contato com a obra de alguns autores como *Deleuze, Foucault e Chris Anderson*. Também por lá me deparei com o conceito de *Umwelt*, cunhado por *Jakob von Uexküll*, que se provou indispensável na minha caminhada de estudos.

O termo se refere a subjetividade da percepção humana. Bem resumidamente, ele diz que todos temos um túnel de percepção pelo qual experienciamos a realidade, e esse túnel é determinado pela capacidade de nossos corpos e nossas crenças e experiências passadas, na forma de um padrão que se molda incessantemente através do tempo, pelo aprendizado. Isso quer dizer que existe uma realidade única a cada indivíduo, subjetiva e particular, e a essa realidade particular o autor dá o nome de *Umwelt*. É uma teoria que demonstra como não

conseguimos experienciar a realidade objetivamente, pois somos limitados pelas capacidades de nossa máquina biológicas, e portanto incapazes de perceber a realidade como um todo. É somente essa interpretação da overdose de informação que apresenta o universo que experienciamos. É como o que a IA intenta fazer com a Big Data, dando qualidades a uma imensidão de dados completamente quantitativos.

Outro dado importante para meu estudo foi ler que essas realidades particulares de todos os seres vivos coexistem e se permeiam de forma que criam uma rede complexa e mutável da percepção do mundo. Existindo então uma realidade em comum, na qual vivemos e a qual construímos em conjunto, composta de várias realidades subjetivas entrelaçadas e interdependentes. Essa é uma ideia parecida com as hipóteses trabalhadas pela Teoria Geral dos Sistemas, que fala sobre a conexão do mundo a partir de sistemas infinitamente complexos. Reflito, para mim, que isso demonstra então a interdependência entre o objeto e a interpretação, entre o mundo ‘objetivo’ e ‘subjetivo’, e causa uma ruptura nessa separação, permeando os dois como partes integrantes de uma só única realidade, nem objetiva e nem subjetiva, mas interdependente.

A Gestalt e a percepção do todo

Essas considerações me fizeram crer que estava chegando em um lugar comum com a Gestalt, tão ensinada nos meus anos na graduação. Entre todos os teoremas da escola que estudam a nossa percepção visual, o mais marcante é o de que, visualmente, *o todo é diferente da soma das partes*. Somos guiados por ilusões perceptuais na interpretação da informação visual, sendo todos os pedaços de informação sobre cor, forma, contraste, etc, acumulados na nossa interpretação, criando uma percepção de algo muito além do que essas partes individuais poderiam dizer sozinhas ou simplesmente somadas. Essa afirmação foi adaptada para outras áreas do conhecimento humano, chegando inclusive na psicologia e sociologia, e se provou eficiente em descrever vários tipos de fenômenos. Temos, com esse tipo de ilusão, novamente também demonstrado o nosso forte ímpeto de enxergar o mundo de acordo com padrões biológicos que não temos poder sobre; o fato de projetarmos a nossa realidade à imagem que padronizamos dentro de nós. Sendo esses padrões subjetivos, ou coletivos como os casos que a Gestalt demonstra, ou mesmo um intermeio dos dois, o fato é que eles são a base exata da nossa definição de mundo.

Isso me levou a crer que, dentro dos conhecimentos que a Gestalt me proporciona, com essas ilusões perceptuais intencionais que podem ser elaboradas, eu poderia achar uma forma nova de representar um momento. A busca então foi direcionada a como causar, intencionalmente, uma ilusão perceptual com um propósito específico. Fazer o que o *Deep Dream* fez com programação, apenas com a ilusão visual. Demonstrar uma inclinação específica de um pensamento com um estímulo, e deixar que o interlocutor termine de completar a informação ao recebê-la. É claro que esse processo de interpretação da realidade é indissociável da experiência humana em geral, como visto, e que isso está presente em várias áreas de estudo, como na semiótica e na publicidade. E sendo assim, um campo vasto e também infinitamente complexo, a diferença de pensamento se dá somente no que se quer passar. Busquei aqui as bases sobre as quais construir uma mensagem visual para o público, fosse o que fosse.

A meditação, o movimento e o tempo

Em meio a esses estudos percebi que necessitava ainda de uma plataforma sobre a qual representar o que buscava. Só a fotografia não me parecia o suficiente para causar o tipo de ilusão que queria, pois o que eu queria representar era justamente o movimento, a mudança e a transformação constante do mundo. Com a pesquisa até então tudo me indicava que se eu quisesse falar sobre a percepção em tempo real, eu teria que falar da essência de tudo: o movimento.

Sou adepto de práticas de meditação desde o segundo ano da faculdade e acredito muito no potencial delas para causar uma melhor qualidade de vida. Foi e é através da meditação que consigo ver com mais clareza meu eu, minhas ações e meu mundo. É com ela que consigo chegar nos níveis mais profundos de entendimento sobre qualquer assunto que seja, eu separo para esses momentos do meu dia uma espécie de ‘decantação’ dos meus pensamentos: um tempo para que eles se assentem nas camadas profundas da minha psique e possam tomar uma forma mais intuitiva e não apenas racional, que é a zona onde realmente incorporamos e aprendemos qualquer coisa. É uma prática que vem me ajudando a me sentir melhor com meu corpo e mente, e acredito ser útil para todo ser humano que deseja ser e se sentir melhor consigo e com o mundo. É uma forma de parar para sentir o movimento incessante do universo. Falo dela aqui por ver que, de alguma forma, a mensagem que quero

passar com esse trabalho é para incentivar mais pessoas a pararem para contemplar a beleza desse movimento.

Existem muitas técnicas no que se refere a maneiras de se atingir o autoconhecimento, e a grande maioria delas passam pela meditação. Eu havia até agora pesquisado um lado novo e científico sobre algo que, ao meu ver, já era uma ciência mais que comprovada por outros meios. Os conceitos de complexidade, interconectividade, emergência, túnel de percepção; eu poderia encaixá-los todos em algo que havia escutado ou lido de alguma outra forma, geralmente na sabedoria popular.

Discursos saturados e julgados como clichê trazem muitas vezes verdades tão escancaradas que as tornam difíceis de entender. Como quando o mercado capitalista incorporou a frase '*you only live once*' (você só vive uma vez, em tradução livre) e a super expôs de forma tão intensa que a esvaziou de significado. Nem eu, nem ninguém, reflete sobre a brevidade da vida quando vê a inscrição '*YOLO*' em uma camiseta ou cartaz, no máximo pensamos na brevidade da promoção da loja ou em qualquer outra reflexão acerca do capitalismo. Mas essa frase, assim como várias outras que foram esvaziadas de significado, traz uma verdade essencial sobre a condição humana. Por padrão, aprendemos a ler, mas não absorver, esse tipo de informação no dia a dia.

Por vezes, durante minhas meditações, me vi refletindo sobre como seria, então, estar mais inserido no tempo presente, termo que também já passa por certa superfaturação em nossos dias. Muitas técnicas, do *pranayoga* ao *mindfulness*, clamam os benefícios desse suposto estado de espírito, já que nossa mente tem o padrão de variar entre projeções de passado e futuro sempre que pode, e isso causa sofrimento. Geralmente essas prática envolvem a respiração consciente, no raciocínio em que prestar atenção à respiração é a maneira mais forte de se conectar ao tempo presente - sempre estamos respirando e olhando para isso temos, então, um gancho vitalício e pessoal com o desenrolar do tempo do universo. Mas, em termos de física e filosofia, me vi preso a uma pergunta que não sabia responder: é sequer possível perceber em tempo real? Sendo a essência de tudo se mexer; não existindo nada que seja estático no universo; sendo o passar do tempo dependente da dimensão espacial;... é possível se dizer que existe um tempo real?

Minha pesquisa havia demonstrado até agora a tremenda dependência que temos de nossa limitada interpretação de mundo, e como isso causa distorções de percepção que podem ser usadas para vários propósitos comunicativos. Via agora também que, entre incansáveis

debates de físicos, cientistas, filósofos e muitos outros, o tempo era uma variável discutida desde os tempos de Aristóteles e sobre a qual ainda não podemos afirmar quase nada com muita certeza. Existe um certo consenso filosófico e científico de que o tempo é contínuo, objetivo e com uma direção intrínseca a ele, mas mesmo nesses termos há quem discorde - e com muitos argumentos. Podem ser causadas ilusões na percepção tempo de um indivíduo forma proposital, como o que ocorre no denominado ‘*Kappa Effect*’, que é ilusão de que o intervalo entre dois estímulos visuais que ocorrem mais longe espacialmente, também ocorreu mais longe, ou devagar, temporalmente, porque prevemos subconscientemente uma relação de tempo e distância entre eles. Mas, como geralmente ocorre com as ilusões perceptuais, não se sabe exatamente como nem por que isso ocorre.

Sendo então a percepção do tempo real um campo aberto, e minado, de discussões, me vi sem saídas ao tentar representar algo que não conseguia comprovar, nem para mim mesmo, sob nenhum aspecto. Me restou continuar a meditar e a tentar viver a minha própria ilusão temporal com afinco.

“E um astrônomo disse, Mestre, e o Tempo? E ele respondeu: Mediríeis no tempo o que não tem medida e o imensurável. Ajustaríeis vossa conduta e mesmo dirigiríeis o curso do vosso espírito de acordo com as horas e as estações. Do tempo, faríeis um riacho, em cujas margens sentaríeis e olharíeis seu fluxo. No entanto, o intemporal em vós sabe da intemporalidade da vida, e sabe que ontem é apenas a memória de hoje o amanhã é o sonho de hoje. (...) E quem, entre vós, não sente que seu poder de amar é ilimitado? (...) E o tempo não é como o amor, indivisível e sem ritmo?”

(GIBRAN, Khalil. **O Profeta**, Santos: Via Leitura, L&PM EDITORES, São Paulo, 2001)

A escolha de uma saída

Bem mais tarde, fui me lembrar de uma entrevista que vi com os criadores de *Rick and Morty*, uma série animada que admite em seu enredo a possibilidade da viagem entre infinitos universos paralelos. O show é uma comédia escrachada e violenta, em que o

personagem principal é o ser mais inteligente do universo, e ao mesmo tempo um verdadeiro anti-herói completamente amoral e sem nenhum escrúpulo. Mas às vezes ele mostra ter um bom coração, como todo personagem cativante, principalmente em relação à sua família. Quando perguntados sobre o porquê do personagem Rick se importar com sua família, mesmo tendo uma personalidade malévola, os criadores responderam que têm a ideia de demonstrar que, mesmo sendo possível aumentar a escala em direção ao macro, em possibilidades infinitas, até que tudo vá se tornando cada vez menor e insignificante, quando você dá um *zoom* em um universo particular, em um planeta, um país, uma família, uma história de vida, você percebe que isso tudo é uma possibilidade única se manifestando de uma maneira muito particular, e que isso importa. Vejo uma relação grande entre essa afirmação e a maneira que encontrei de dar fim à minha pesquisa.

Todos esses questionamentos me levaram a um estado mais contemplativo das transformações que se desenrolavam por onde eu passasse. Passei a entender, por mim, que a passagem do tempo sendo percebida de forma irregular e suscetível à ilusão, não se diferenciava de qualquer outro padrão que eu tivesse em minha *Umwelt*. Assim como muitos outros padrões também era sujeita, então, às minhas escolhas pessoais e sujeita a transformações. Nesse entendimento, estou o tempo todo escolhendo a forma como percebo minha realidade, e o que as técnicas de autoconhecimento pregavam de se estar conectado ao tempo presente se torna uma ferramenta para se conseguir trazer à consciência esse padrão e, quem sabe, transformá-lo.

A forma como percebemos o tempo é, mesmo que biologicamente limitada, também uma questão de escolha. Penso nisso como quando estamos em um atração turística lotada, em um lugar como a cidade sagrada de Machu Picchu, e podemos perceber que cada um dos turistas vê aquela cidade de pedras de uma maneira completamente particular. Alguns conseguem viajar anos no passado ao olharem para as construções, imaginando a cidade toda cheia de vida e cor e tendo uma experiência que vai ser rememorada sempre com muito carinho, e outros podem ir para lá e apenas para carimbar o passaporte, tirar uma foto, dar uma olhadinha por cima do óculos de sol e pronto, já foi o suficiente. Não cabe aqui julgar a percepção ou a experiência de cada um, mas sim entender que a experiência, e a memória guardada sobre ela, foi uma questão de escolha. Não é possível se traçar um limite de até que ponto essa escolha vai, levando-se em conta que o túnel de percepção de cada um é complexo, majoritariamente inconsciente, dependente de muitos fatores como o

determinismo geográfico ou a história de vida, e ainda é remodelado a todo instante. Mas é possível se perceber que, apesar dessas variáveis delimitarem as possibilidades individuais e coletivas, elas não determinam uma forma única ou imutável para nada; o conjunto de possibilidades, mesmo dentro das limitações de cada Umwelt, também tende ao infinitamente complexo. Dentro de cada universo particular e suas infinitas possibilidades, há apenas uma decisão única e determinante para como interpretamos cada momento da vida.

Dizem que quanto mais velhos ficamos mais rápida a vida parece passar, e isso faz sentido pensando que proporcionalmente os anos passam a ser cada vez menores em relação ao tempo que já se viveu. Lembro da minha alegria na infância quando completei 10 anos, eu adorava falar que já havia completado “uma década” para todos que perguntavam minha idade, afinal havia levado toda uma vida para conseguir aquele status. Hoje acho engraçado, mas também me pergunto quanto desse entusiasmo com o passar da vida vai se manter enquanto uma década for se tornando uma fração cada vez menor dela.

Considerações finais da pesquisa

Eu procurei uma forma de amarrar esses conhecimentos e de os entender mais profundamente através de mais livros e de mais pesquisas, mas não consegui achar um conceito único que os pudesse contemplar. Mais do que nunca eu entendia a relação profunda entre os conceitos que havia lido, mas não achava possível pensar em um jeito de fazer isso inteligível em uma mensagem única. Essa busca conceitual se estendeu até que fiz os últimos ensaios, sendo que a partir de então mantive meu foco na pós produção.

Não acho que poderia considerar essa uma pesquisa finalizada acerca de algum tópico, mesmo porque o seu foco era conceitualizar um tipo de produto visual, e não fazer uma pesquisa acadêmica para chegar a uma conclusão sobre algum novo ou velho conceito em design. A pesquisa foi, de fato, fundamental e suficiente para que eu conseguisse pensar a publicação desde a sua pré produção com um viés mais definido ideologicamente. Eu quis retratar em cada etapa do processo - desde a elaboração e a execução dos ensaios até os detalhes finais do site contendo a publicação e sua forma de compartilhamento - os conceitos que pude adaptar dessa pesquisa conceitual.

Não sei até que ponto isso fica evidente apenas pela leitura da publicação virtual, já que as próprias conclusões que tirei aqui me levaram a usar uma linguagem mais simples,

direta e universalista em seu texto. Nenhum desses autores ou nomes de conceitos aparecem diretamente citados em qualquer parte escrita, o que, claro, os impossibilita de serem verbalmente racionalizados diretamente pelo interlocutor. Ao invés disso, a tentativa foi no sentido de utilizar e representar esses conceitos e questionamentos no próprio planejamento e na execução da publicação, de maneira a fazer alusões e questionamentos, juntos com o interlocutor, sobre cada um desses conceitos mais indiretamente.

Acredito que essa tentativa pode ser evidenciada em processos como o ritmo de leitura; nos elementos e composições das fotos; na diagramação das frases curtas e diretas; no movimento repetitivo dos GIFs; no tratamento das imagens e nas cores; na transformação visual entre os capítulos; nas metáforas dos grafismos de suporte ao texto; no processo de como a história vai sendo contada visual e textualmente; nas pequenas narrativas desenvolvidas nas frases, nas imagens e nas conexões e desconexões entre as duas linguagens; no processo de cada ensaio e na escolha de seus temas; nas mensagens de cada capítulo; no tom da linguagem e no conteúdo do texto. Enfim, o desenvolvimento de toda a narrativa em geral da publicação foi feito com o intento de se aplicar e evocar no interlocutor, de alguma forma, os conceitos aqui estudados. Essa ideia é mais profundamente debatida nesse relatório durante as explicações sobre a execução de cada um desses processos, em suas partes respectivas.

2.3- METODOLOGIA E CRONOGRAMA

Para escolher a metodologia a ser usada nesse projeto resolvi voltar aos slides e aulas que fiz com o professor substituto Gabriel Fernandes, na disciplina de metodologia de projeto. Resolvi por escolher um método que se adaptasse a minha condição de fazer o planejamento e a execução sozinhos, portanto me inspirei nas novas metodologias de projeto de design linear demonstradas por Löbach. O método inclui as etapas de Preparação, Geração, Avaliação e Realização, sendo que, entre essas fases, existe o feedback e a análise constante de resultados. Isso permitiu que eu pudesse, assim como o método descrito no documentário *“Pixar: The Design of Story”*, ao voltar e analisar criteriosamente os resultados atingidos em cada etapa, reforçar o arco principal da história, o que dá coerência e consistência aos elementos da narrativa. A ideia aqui é que ao se adicionar qualquer novo parâmetro a história, ele deve sempre servir para reforçar a ideia principal da narrativa, de

forma que nada distraia o interlocutor da mensagem principal e que todos os elementos sejam coerentes entre si.

Esse método permitiu que eu pudesse desenvolver o cronograma já no início do projeto, definindo quanto tempo gastaria em cada uma dessas etapas. Adaptei os subitens da metodologia às necessidades de meu projeto, assim como previsto pelo próprio método, e essa definição ajudou muito no planejamento de tempo. Mesmo que o cronograma não tenha sido seguido à risca, principalmente na parte final do projeto, ele foi primordial para que eu pudesse me organizar de forma eficiente, e a metodologia foi primordial em todas as etapas de planejamento e execução, pois permitiu que eu tivesse uma base que me garantisse um resultado eficiente em tempo hábil.

2.4- PRÉ-PRODUÇÃO E REFERÊNCIAS

A fase de pré produção, incluída na metodologia na parte ainda de “Preparação” teve, na verdade, que ser realizada e adaptada também a cada novo ensaio feito. Antes de começá-los, porém, fui em busca de referências visuais e de processos de pré produção de ensaios que pudessem me inspirar.

Assim, encontrei artistas como Ellen Stagg, que é uma fotógrafa alternativa que tira fotos de modelos em dupla exposição. Seu método me inspirou tanto no sentido estético, o que pode ser visto principalmente no ensaio na fogueira, em que faço uso da múltipla exposição na fotografia, mas também em questão de método. A artista descreve como seu processo envolve também as expectativas e ideias da modelo sendo retratada, a fim de criar um ensaio que, apesar de uma temática pré-estabelecida, conte também com a perspectiva e o registro da interação entre o fotógrafo e o modelo. É uma forma de transpassar as barreiras artificialmente criadas nos processos criativos, e de envolver o sujeito em frente às câmeras em todo o processo de criação. Isso possibilita o surgimento de retratações mais honestas dos sentimentos e num ensaio sem muitas “poses” pré-estabelecidas, priorizando o improviso dos movimentos e uma maior conexão com o mundo real.

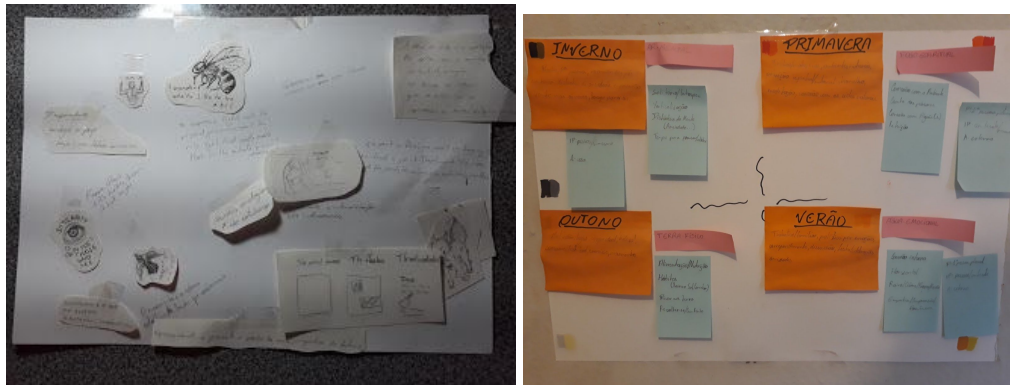
Outro artista que me inspirou em questão, principalmente, de processo narrativo, mas também esteticamente foi Evan M. Cohen, ilustrador e quadrinista baseado em Nova Iorque. Cohen tem um jeito muito original de ir além das usual no desenvolvimento em sua narrativa, quebrando os limites usualmente delimitados pelos quadros nas histórias em quadrinhos - em

algumas páginas, eles se transpassam e se invadem e contam, em suas conexões, desconexões e transformações constantes, uma história mais completa sobre a situação. Suas ilustrações contam estágios temporais de um acontecimento, mas vistos sob uma esfera metafísica - os personagens saem de escala, se multiplicam e se fundem em formas abstratas com o ambiente. A obra do artista me atraiu muito porque conseguia, com pouquíssimas palavras e com uma narrativa visual completamente lúdica, incitar sentimentos profundos e complexos no interlocutor, também com mensagens muito certas. Vejo sua forma de narrar e suas mensagens como uma das grandes inspirações para esse projeto, apesar de ser baseado em uma mídia diferente.

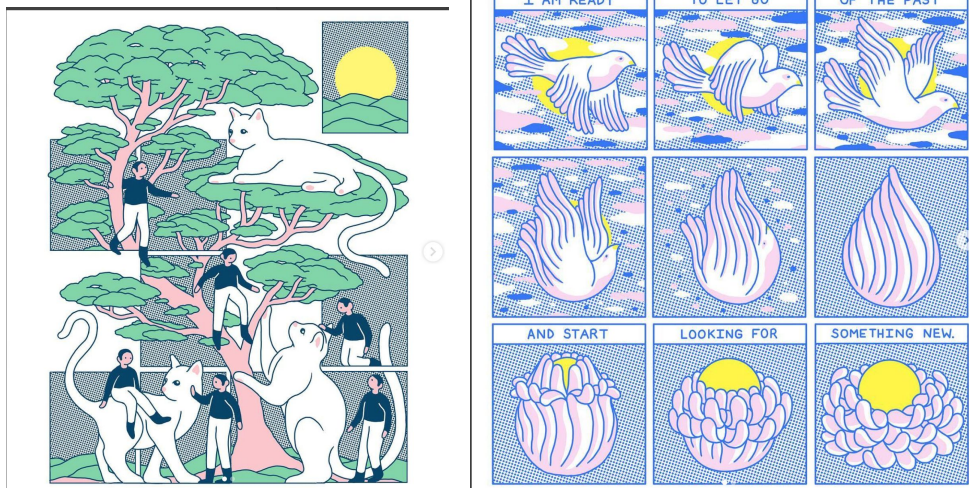
Em termos de fotografia, minhas grandes referências para esse projeto são fotógrafos que conheço pela rede social *Instagram*. Coletivos como o Magnum Photos, fundado em 1947, são uma grande referência em termos de composição e ideias. O coletivo tem uma marca visual perceptível em quase todas as suas fotos, apesar de contar com artistas de todo o mundo ao longo de todos esses anos. Alguns retratistas por lá também me inspiraram muito nesse projeto, como a conta @cvatik, por sua edição de cores e talento para a composição com o corpo humano, o artista @winram, que tem um projeto com narrativas lúdicas e surrealista, e a fotógrafa @helenapcooper, retratista que faz uso de cores bem saturadas e composições com múltiplas exposições.

Por último, também tive que buscar referências de vídeos para o desenvolvimento dos GIFs. Dessa forma, a pré produção dos ensaios, em termos de figurino, local e as ideias desenvolvidas em rascunhos e nos storyboards, foram inspiradas e pensadas para atingirem resultados visuais que se assemelhassem à esses artistas nos aspectos que achava pertinente. Cheguei a tentar compilar alguns deles em um único moodboard, mas que logo abandonei por não achar que eram o suficiente para que eu me inspirasse para o projeto como um todo. Tendo em vista que a história não se desenvolveria apenas com fotografia, busquei então juntar minhas referências artísticas em diferentes locais, como na aba “salvos” do *Instagram* ou pastas de imagens salvas pelo *Pinterest*, os vídeos foram salvos todos pelo website *Vimeo*. Textualmente falando, as frases que lia e achava pertinente, assim como insights que tive, foram transcritas em cadernos, que mais tarde foram recortados e organizados em uma cartolina, a fim de formarem um só quadro e poderem se fazer uma imagem concisa em meu pensamento também. Esse processo de ter as referências visuais em diferentes níveis de

acesso permitiu com que o projeto se misturasse mais ao meu cotidiano, de forma que eu pudesse me sentir inspirado a achar soluções e ideias à qualquer momento.



Instagram @evanmcohen



Instagram @winram



Instagram @cvatik



<<https://www.ellenstaggart.com/>>



Instagram @helenapcooper



Instagram @magnumphotos



3. O MEIO

3.1- PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Antes de fazer os ensaios para o TCC com a Yasmin, minha amiga que topou participar do projeto com começo ao fim, eu tive a oportunidade de fazer dois trabalhos de ensaios com duas jovens grávidas, no formato de retrato para o registro da gestação, que foram determinantes para o meu processo de aprendizado com fotografia. Até então só havia feito os trabalhos de faculdade, entre amigos e na minha zona de conforto, e nesses novos ensaios, pude participar da experiência de ser remunerado e tentar fazer o trabalho mais profissional possível com minha pouca bagagem e recurso.

Para o primeiro ensaio fomos para uma cachoeira nas redondezas de Uberlândia, MG, onde residi durante todo o processo desse trabalho de conclusão, e o maior desafio para mim se provou ser a direção da modelo. Tive muitas dificuldades em ter a segurança de manifestar minhas ideias e de pedir qualquer coisa à modelo, mas tive a sorte de contar com uma pessoa que já tinha certa experiência e uma cabeça bem decidida sobre o resultado almejado, o que foi me tranquilizando e acabei por gostar muito das composições que conseguimos ao final. O processo de edição foi extremamente tedioso e eu provavelmente gastei mais de 80 horas acumuladas na edição desse ensaio. Entre horas de tutoriais no Youtube, e muitas mais outras horas de experimentações no software Adobe Lightroom, consegui aprender muito sobre o processo de edição. O que aqui eu demorava 5 horas para fazer, na edição dos últimos ensaios me levava menos que 10 minutos.

O segundo ensaio com gestante que fiz contribuiu também muito nesse sentido de aperfeiçoar meus métodos de edição de imagem, mas teve sua contribuição maior ainda em questão de direção. O planejamento deste ensaio foi comprometido por atrasos e indecisões da cliente, além de minha parcela de inexperiência, e conseguimos ir para o local, que não era o planejado e eu desconhecia completamente, tendo somente 1 hora de luz para tirar as fotos. A localidade era um vilarejo charmoso, mas como a gestante almejava por um ensaio com elementos da natureza, fizemos o ensaio nas estradas de terra e córregos com pedras que encontramos na redondeza. Tudo muito corrido e no final, por ainda termos a meta de tirar

foto com a amiga e a família que a acompanhava no ensaio, tive ainda que fazer fotos com a iluminação de um farol de carro, pois já não se era possível enxergar nem a olho nu. Acabou por resultar numas das fotos mais interessantes do dia. Esse improviso todo me ensinou que o elemento principal de um ensaio fotográfico é, na prática, a criatividade e que para se compor um bom retrato a emoção tem tanta ou mais importância que o enquadramento.

Na época julguei que gastei tempo demais nesses ensaios e que havia atrapalhado o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso. Talvez eu estivesse certo em algum aspecto, mas hoje os enxergo mais como uma etapa primordial ao processo. Não tivesse eu me aventurado em dirigir um ensaio sozinho pela primeira vez e me frustrado por tantas horas em sua pós-produção, jamais conseguiria ter atingido a qualidade das fotos mostradas nos ensaios desse projeto. Por consequência dessas experiências eu me vi nos ensaios do TCC com muito mais eficiência na produção desse tipo de conteúdo, com mais clareza de intenção e agilidade.

3.2- OS TRILHOS DO TREM

Era o mês de Agosto e eu estava focado em pesquisar sobre uma forma de representar o tempo e suas implicações nesse mundo moderno. Havia decidido que a pesquisa teria uma resposta completa da forma certa de fazer isso ser refletido em um ensaio fotográfico, mas mesmo as referências artísticas que conseguia achar nesse sentido não se encaixavam no formato que queria encontrar. Queria as respostas para perguntas do tipo: ‘faço um planejamento de todas as cenas, sigo storyboards, já defino as cores, as roupas, os elementos, e chego na pós-produção com todo esse material coeso? Ou sigo a ideia que, para retratar algo tão abstrato e subjetivo, o melhor seria fazer um ensaio menos engessado e livre, em que eu interpreto e coloco o sentido todo na pós produção?’ Essa solução, que se deu numa interseção desses dois pensamentos expostos, só pôde ser encontrada não graças somente a pesquisa, mas também a esse ensaio que fizemos nos trilhos do trem.

Eu queria fazer um ensaio experimental, por experiência e para começar a testar as ideias desse projeto, e precisava de uma pessoa para ser fotografada. Eu conheço pouquíssimas pessoas na cidade onde residia, Uberlândia, e portanto pensei no meu lugar de convivência social mais constante dos últimos meses: a academia de capoeira angola. A prática atrai, na região, muitos universitários e sabia que alguns eram da área de artes cênicas

da UFU, então tive a certeza que poderia buscar alguém ali que topasse fazer parte dos ensaios. A primeira pessoa com quem falei foi a Yasmin, com quem vinha estreitando mais os laços desde que me mudei definitivamente para a cidade, e ela se mostrou animada com a ideia e quis logo realizar os ensaios, finalizando minha busca sem nem que eu precisasse me dedicar muito a ela.

A ideia dos ensaios fotográficos ficou rondando sempre os nossos encontros, mas não conseguíamos fazer com que eles efetivamente começassem. Esse primeiro ensaio nos trilhos, portanto, só pôde ocorrer por uma motivação mais pessoal. Recebi um dia uma mensagem da Yasmim, numa semana em que já havíamos desmarcado o ensaio pelo menos 2 vezes, dizendo que não estava se sentindo bem emocionalmente. Quis me fazer presente e descobri assim que aquele era o dia do seu aniversário, mas que, como ela não estava se sentindo bem, não queria nenhum tipo de comemoração. Ao invés disso me pediu pra que fôssemos finalmente fazer o ensaio, como uma forma de distrair e se divertir um pouco. Na busca por local, achamos pela internet fotos dos trilhos de trem entre Uberlândia e Araguari, e a informação de que em um certo ponto deles havia uma ponte suspensa mais de 20 metros acima do rio. Decidimos que queríamos, pelo menos, conhecer essa ponte e tirar algumas fotos por lá.

O endereço dado pelo Google Maps da ponte ficava a uns 30 minutos da rodovia principal, entre estradas de terra e canaviais. Podíamos ver que estávamos perto, pois os trilhos as vezes apareciam por entre a mata, mas não tínhamos noção do quão próximo da ponte conseguiríamos ir de carro. Depois de algumas idas e voltas, decidimos por entrar nos trilhos por uma abertura um pouco maior que vimos na estrada e tirar as fotos ali mesmo, pois não sabíamos a distância até a ponte. Fizemos algumas fotos naquele local, bem entre duas curvas dos trilhos, de forma que eles se perdiam de vista para qualquer lado que olhássemos, e já estávamos conseguindo nos divertir. Eu tinha ali abandonado a ideia de seguir um roteiro muito detalhado - já que a intenção desse ensaio tinha agora tomado essa dimensão maior, de ajudar uma amiga e se sentir melhor - mas tinha algumas ideias de movimentos que poderiam ser retratados em vídeo, como o caminhar nos trilhos. Arrumei a câmera no tripé e pedi, então, para que ela caminhasse pela curva até se perder de meu campo de visão. Fizemos esse caminho para um lado, e não gostei muito do resultado, e resolvi inverter a direção do caminhar para a curva do outro lado. Foi quando, para nossa surpresa, ao finalizar a curva longe no horizonte, Yasmin pôde avistar a ponte a que tanto queríamos chegar.

Pudemos ali então fazer as fotos e nos envolvermos em um pôr do sol com uma vista privilegiada na enorme ponte. Foi uma experiência surreal que transformou toda a forma como eu iria conduzir os ensaios a partir de então. Eu havia descoberto que, mais do que passar uma certa mensagem que eu escolhesse, eu queria estar envolto no momento em que eu fotografasse. Entendi que, na verdade, isso era um fator fundamental para que eu pudesse ser honesto no que eu fosse representar - princípio que não abro mão de fazer presente em meus trabalhos. Refleti que não se pode falar sobre felicidade quem nunca se sente feliz, portanto eu não poderia fazer um registro que fizesse alusão a qualquer sentimento que não os que eu tivesse experienciado.

Esse ensaio, na publicação final, foi então também organizado de maneira a fazer referência a essa experiência como um todo. Ele está incluso no segundo capítulo e é sustentado por grafismos com formas diagonais e retas em perspectiva, fazendo alusão ao fato da tomada de decisão e aos caminhos da nossa história futura, que inevitavelmente temos que trilhar. O texto ali também faz considerações a respeito do mesmo tema, e desenvolve a narrativa para dizer que podemos também andar por fora dos trilhos, se escolhermos.

3.3- MUDANÇAS DE PLANOS

Poucos dias depois desse primeiro ensaio, realizei um ensaio de uma gestante e me vi envolvido no processo de edição e entrega das fotos, e só após esse período consegui voltar realmente minha atenção a ver o que conseguiria extrair daquele ensaio nos trilhos do trem. Eu estava animado com a ideia da criação dos GIFs e de tentar achar uma linguagem geral que pudesse representar todo o ensaio. Mas aquelas ideias ainda eram todas muito novas para mim, assim como quase tudo em fotografia, e eu nunca tinha me arriscado na edição de vídeo antes, o que fez com que eu me frustrasse muitas e repetidas vezes nessa parte do processo. Não conseguia fazer nada que me agradasse ou que fizesse boas referências as ideias de transitoriedade e conexão que eu queria passar. Todas as formas que eu buscava pareciam estar além das minhas capacidades, ou dos meus equipamentos, e isso me deixou preocupado com o andamento do que tinha planejado. Pensei e criei múltiplas alternativas para mudar o conceito, mas também não consegui achar nada que me fosse satisfatório. Me vi com o material e a conceitualização na mão e tinha gana por compartilhá-los, mas eu não conseguia achar uma forma coesa, ou mesmo concisa, de os comunicar.

Esse período foi o mais complicado e agonizante de todo o processo do TCC. Tinha comigo um bom material que eu gostaria de trabalhar, mas não conseguia me satisfazer com o que alcançava. Eu sentia que dependia de chegar a algum resultado com aqueles registros se quisesse realizar os próximos. Decidi então por investir em mais pesquisa e planejamento, e foi o que fiz no próximo mês. Esse período iluminou a maioria de minhas ideias conceituais e comecei a trabalhar na pré produção dos próximos ensaios.

Após desenvolver vários sistemas esquematizados em meus cadernos sobre como poderia então conduzir os ensaios e a pós produção, entendi que precisava buscar por linguagens também mais gerais e universais, de modo que a mensagem fosse mais eficientemente passada com o trabalho. Não me fazia sentido ter aquele conhecimento todo apenas para mim, e eu queria compartilhar também minhas perguntas sem respostas, mesmo que sem esperança de respondê-las. Busquei então elementos que pudessem me ajudar a comunicar com uma parte mais perene do pensamento humano, que fossem mais relacionados a essência e ao mesmo tempo aplicáveis em camadas mais superficiais.

Nisso decidi por fazer os ensaios inspirado em ensinamentos que obtive nesses últimos anos, em contato com o que é chamado de ‘xamanismo’ e com outras correntes espirituais. Apesar de ter conscientemente feito essa decisão, percebo esses conhecimentos como indissociáveis dos meus hábitos e, portanto, também indissociáveis de meu trabalho. No final de 2017 desenvolvi um trabalho com a professora Mônica Moura na disciplina de Oficina Gráfica, que estava pendente em minha graduação, e pude desenvolver um livro artesanal feito com várias técnicas de ilustração diferentes, falando sobre temas pessoais. Apesar da epopeia que foram as últimas semanas desse trabalho, gosto muito do conceito da “roda das estações” que consegui adaptar na linguagem do livro. Essa roda é uma tentativa de representação de conhecimentos presentes em várias culturas tradicionais no mundo, em variadas formas e conteúdos verbais e representativos, mas seu ponto em comum é que são uma maneira de relacionar os ciclos da natureza com a condição humana. Funcionam como guias para as épocas certas de preparo de terra, plantio, germinação, colheita, que relacionam o sol, a lua, os ventos, as marés, os animais a basicamente tudo de observável na natureza. Mesmo que as vezes esses conhecimentos não sejam relacionados de forma representativa e visual pela cultura em questão - podem ser apenas verbalizados e ainda eficientes - os incluo aqui como sendo parte de um mesmo escopo roda por serem as bases de como o homem veio a entender os ciclos naturais e seu lugar nisso. A roda que estudo é uma tentativa de aglomerar e

relacionar vários desses conhecimentos em uma só representação. Na publicação isso vem a transparecer nas ideias das localidades dos ensaios, nas cores e elementos presentes nas fotos e na diagramação, e, apesar de decidir por deixar essa relação mais implícita ainda que as demais, acho importante ressaltá-la. Quando digo que, de modo geral, tive por missão nesse trabalho suscitar no interlocutor uma reflexão acerca de si e suas relações, eu entendo que não teria outra forma que não me inspirar na natureza - que é o que somos - para passar minha mensagem.

3.4- OS ÚLTIMOS ENSAIOS

Conseguir tomar finalmente essas decisões conceituais me ajudou a destravar o processo de execução dos ensaios. Decidi por fazer a interpretação do ensaio principalmente na pós produção e confiar que, assim como o ensaio nos trilhos, os outros 3 iriam me surpreender e ser representativos de minhas ideias. No segundo, que realizamos no Parque do Sabiá, um parque muito bonito da cidade, ainda cheguei com muitos storyboards e roteiros no papel para seguir, mas percebi logo da impossibilidade de se ser figurinista, roteirista, diretor, fotógrafo, videomaker, editor, e algumas outras funções acumuladas de amigo e motorista, tudo ao mesmo tempo - apesar dessas funções todas terem sido sim desempenhadas por mim em algum momento do projeto.

A partir desse pensamento, conseguimos fazer os outros 3 ensaios planejados no intervalo de apenas uma semana. Esse processo foi importante para que entendêssemos, eu e Yasmin, que se quiséssemos retratar um sujeito com uma interação real com o ambiente, essa interação teria que ser mais espontânea e verdadeira, mesmo que momentânea. Não que não pudéssemos planejar os ensaios: as ideias gerais, figurinos, intenções e equipamentos foram todos organizado com antecedência, porém a intenção de retratar o inesperado era essencial e portanto deveríamos contar com isso no ensaio, como algo previsto pelo planejamento.

O cunho de cada ensaio passava, como já mencionado, pela roda das estações e seus elementos. Sendo assim, o primeiro ensaio nos trilhos seria uma interação com a terra, o ensaio no parque do sabiá, com seus lagos, a interação com a água; portanto ainda precisávamos de um ensaio com o fogo e um que retratasse o movimento do ar. Resolvemos então fazer um ensaio com uma fogueira e retratar suas características principais, de destruição e criação.

Nos juntamos então em um quintal e, após algumas horas de dificuldades para que o fogo realmente pegasse, conseguimos algum tempo de interação com as chamas. Fazer esse ensaio foi desafiador no sentido de trabalhar com pouca luminosidade, com uma lente que chega apenas até o f/4.0, ou seja, não tem a capacidade de trabalhar bem com pouca luz. A solução foi aproveitar os momentos em que o fogo estava mais alto para fazer os vídeos e fazer uso da técnica de exposição contínua, que deixa o obturador da câmera aberto por mais tempo e permite que a luz seja suficiente para a imagem ser captada pelo sensor digital. O resultado são fotos com elementos que se misturam em transparência e criam rastros de luz, o que considerei como uma característica relacionável às próprias características do fogo e, assim, do que eu queria retratar. O clima da noite e as formas que se transpassam se relacionam com a capacidade do fogo de criar novas possibilidades, de reduzir o velho à fumaça e de criar, a partir das cinzas, novas formas de manifestação. Utilizei aqui também um filtro especial na lente, que espelha e repete a imagem, para filmar as brasas, as fuligens e as próprias chamas. Essas filmagens renderam sequências mais abstratas que evidenciam a beleza do elemento e seus processos. O ensaio todo ficou com uma atmosfera mais sombria e confusa, e isso serviu, em questão de narrativa, como a representação de algo transformador que acontece em camadas profundas, assim como presenciamos em nossos processos de aprendizados pessoais: o incômodo antes do prazer; a saída da zona de conforto antes de se atingir um novo patamar; a destruição antes da criação.

O último ensaio que fizemos deveria, além do movimento do ar, retratar a saída para a luz. Como numa jornada do herói, em que se tem o chamado para sair de um lugar mais harmônico, se passa por uma jornada, pelas provações finais, e chega-se a um novo local, com uma nova perspectiva. Nesse pensamento, fizemos um ensaio em um enorme descampado atrás do aeroporto de Uberlândia, durante o fim da tarde, e pudemos ali fazer imagens que se destoam de todos os outros ensaios anteriores pela clareza, pelas cores e pela nitidez. O ensaio também foca na retratação de movimentos de dança e celebração, além de, aqui, ter a presença clara de um segundo personagem nas imagens. A intenção dessa interação interpessoal é justamente mostrar a importância do compartilhamento e conexão com o outro, como recompensa e fruto da jornada que se passou.

De forma geral, todos esses ensaios me ensinaram muito tecnicamente e pessoalmente falando. Serviram como uma forma de experimentar muitas técnicas que sempre quis fazer com fotografia, composições, direção de ensaio e, principalmente, como uma forma de

descobrir a minha forma de me expressar com fotografia. Estive nessa missão de encontrar uma linguagem que pudesse contemplar os princípios nos quais acredito, e que tenho também a vontade de compartilhar, e creio que consegui me aproximar um pouco mais dessa ideia. Vejo ainda que ainda tenho uma longa jornada, assim como a retratada na publicação, para atingir uma estética que me contemple completamente. Mas não que isso seja um patamar a se alcançar e estagnar: é apenas escolher conscientemente um caminho, sempre mutável, a se traçar.

4. O FIM

4.1- PÓS PRODUÇÃO, PLATAFORMA E TEXTO FINAL

Com o material dos ensaios prontos, me restava então achar uma forma de edição das imagens e de apresentação que pudesse englobar os conceitos trabalhados. Essa não foi uma missão fácil de cumprir, devida a minha inexperiência principalmente no software de edição de vídeo, Adobe Premiere. Com muito tempo de dedicação, experimentações e testes, consegui chegar a resultados que me fossem satisfatórios para os primeiros GIFs e fotos. Tive a intenção de fazer com eles espécies de pequenas narrativas visuais, que contassem através da sutileza, uma história e pudessem reforçar, embasar e ilustrar a mensagem do texto. Assim que as primeiras imagens finalizadas começaram a surgir, pude começar a organizá-las cronologicamente de acordo com o planejamento da narrativa, e percebi logo que, pra que eles pudessem tomar uma forma coerente, eu teria que dar uma forma de amarrá-los em um só contexto.

Passei pela pesquisa de modos de publicação mais modernos, como os epubs e as zines digitais, em busca de algo que pudesse ser análogo ao resultado que almejava. Não consegui, em minhas buscas, achar um produto que fosse exatamente o que tinha idealizado, e me vi tendo que conceitualizar um produto que se adaptasse às diferentes formas de mídia e linguagem que queria incluir na publicação. As zines digitais tem esse intuito do compartilhamento online que me agradava, pois queria uma publicação que pudesse ser experienciada e compartilhada entre as nossas relações. Então a solução que achei foi a criação de um site próprio, já que as plataformas de mídias sociais encontradas não davam a liberdade de criação, diagramação e transmídia que eu necessitava.

Tendo também a plataforma definida, era hora então de pensar no texto que iria verbalizar os conhecimentos adquiridos até então. Pensei que o teria que fazer numa linguagem simples e acessível, pois para mim não fazia sentido que minha mensagem fosse difícil de interpretar, ou que necessitasse de algum conhecimento prévio para sua completa absorção. Assim me inspirei em poetas populares brasileiros, que fazem uso de uma linguagem simples, universalista e lúdica.

Para cobrir a intenção de se ter uma mensagem acessível fiz o texto todo em forma de diálogo. Foi a maneira mais direta que encontrei de acessar o interlocutor e de incluí-lo na história, fazendo questionamentos e fazendo alusões ao que, acredito, são pontos comuns de reflexão de todo ser-humano. A intenção era traduzir e simplificar os conceitos extremamente complexos a que tive acesso na pesquisa, pois obtive com eles realizações que mudaram de forma sutil como eu interpretava o meu mundo interior e as suas manifestações nos meus arredores. Quis que essa mensagem, que me tocou tanto, pudesse se tornar visível no texto de forma a ser absorvida sem barreiras pelo interlocutor.

Não foi uma tarefa penosa, no entanto, redigir o texto. Creio que já havia pensado e definido tão bem essas intenções internamente que as frases já estavam prontas para serem redigidas. Concluí o texto em apenas uma noite e pouquíssimas alterações foram feitas entre o original e a publicação final, com apenas algumas correções e frases adicionadas durante a montagem do site.

As principais inspirações para o texto foram os poemas de Carlos Drummond de Andrade, que é um dos meus poetas favoritos desde os tempos de infância justamente por ter uma linguagem acessível a todos os públicos, e também os poemas de Manoel de Barros, aos quais tive o primeiro contato através do TCC “Memórias da Caixa Preta”. Esse último poeta deixa clara a sua intenção de falar sobre as pequenas coisas, que passam despercebidas pelo olhar usual que aprendemos a ter no nosso cotidiano. Ele tem por intenção falar com a criança interior de cada um que lê seus poemas, fazendo o uso de brincadeiras semânticas, linguísticas e neologismos que parecem simples, mas que são carregados de significados e reflexões profundas. De Carlos Drummond de Andrade, além da acervo semântico que me fora ensinado desde pequeno, pego também seu famoso pseudônimo “José” - chamo-o mais sucintamente de Zé - do seu genial poema “E agora, José?”. Essa foi uma forma que encontrei de fazer uso do senso comum, de acessar o imaginário coletivo presente em nós e poder estabelecer um diálogo mais leve com o interlocutor.

É claro, não sou poeta, e não tenho a habilidade de nenhum desses gênios com as palavras, mas acredito que o texto cumpre sua função. Com frases curtas, simples e, apesar de bem metafóricas, diretas, pude conceber um texto que fala desde as percepções de túnel de realidade, passa pelo conceito de Umwelt, exemplifica os Sistemas Emergentes, mostra as conexões infinitas explicadas na Teoria de Sistemas, trabalha a noção de um mundo hiperconectado e, também e prioritariamente, incita o leitor a pensar sobre sua relação com o tempo presente e com o mundo. Evocando esse imaginário comum e com uma linguagem universalista, consegui fazer com que desde pessoas que entendem sobre filosofia e design até pessoas que nunca frequentaram uma faculdade pudessem ler e compreender a mensagem da publicação, e sinto que esse é a principal conquista do todo o projeto e o meu motivo de orgulho.

4.2 - MONTAGEM FINAL

Com o texto e os materiais em GIFs e fotos já encaminhados, me restava apenas então juntá-los em uma publicação que fosse envolvente e coesa. Essa parte foi muito trabalhosa e demorada, pois apesar da plataforma Wix ser muito intuitiva e relativamente aberta a customizações, o processo de upload e diagramação do site é vagaroso. Comecei por arrumar a publicação por lá, mas logo vi que precisava de um boneco da publicação feito em algum outro software mais ágil. Para isso arrumei toda a publicação pelo Adobe Indesign, inspirado pelas sessões de um livro comum - novamente pela relação com o imaginário coletivo - e de lá passei já as páginas prontas para o site.

Para dar suporte e movimento ao texto, resolvi que deveria trabalhar com a ideia de grafismos simples, que não distraíssem o olho nem atrapalhassem a legibilidade, uma das principais características que prezava na publicação. Esses grafismos acabaram por serem relacionados às cores das fotos e a intenção de cada ensaio, dando suporte a narrativa de forma sutil, acontecendo em segundo ou terceiro plano, mas dando a ideia de continuidade e movimento. Assim, escolhi uma paleta de cores mais neutra, que passasse de tons mais frios a tons mais quentes, dando a atmosfera de ‘passagem por um caminho’ que a narrativa necessitava. Desse modo pude criar em cada capítulo uma identidade mais própria e reconhecível, de forma que o leitor se sentisse imerso em um novo tempo-espço a cada nova página que passasse.

Juntando essas três, ou quatro, linguagens - textual, dos grafismos e das fotos e Gifs - pude finalmente criar um produto que englobasse todas as esferas que queria comunicar. As linguagens se complementam e se relacionam de várias formas umas com as outras, de modo a instigar o leitor a achar relações causais entre elas e se sentir envolvido numa relação mais ativa com a publicação. Muitos elementos foram pensados e testados nessa fase, como o ritmo de leitura e os respiros, diagramados na intenção de dar tempo para a reflexão e contemplação das histórias visuais pelo leitor.

Quis assim amarrar todo o projeto numa publicação que também fosse difusora de seu próprio processo, mesmo que às vezes só implicitamente. A mensagem dita pelo texto está presente em todos os aspectos da publicação, como evidenciado neste relatório. Essas relações, na verdade, são profundas e eu as redescubro todas as vezes em que penso sobre elas. Não foram apenas guias verbais e metodológicos que segui durante essa montagem final da publicação, mas fiz uso de diversos conhecimentos intrínsecos ao pensamento de um designer e a um amante de publicações que tramitam por esse imaginário lúdico e, de certa forma, espiritualizado.

4.3- IDENTIDADE VISUAL

Tipografia

A tipografia escolhida foi a *Brandon Grotesque*, desenvolvida por *Hannes von Döhren*, da companhia *HVD Fonts*. Segui esta opção por ser uma fonte de incrível legibilidade, considerada uma fonte geométrica sem serifa, e por achá-la pertinente com o visual elegante e limpo que queria na publicação. O texto deveria ser leve e ter uma boa leitura, já que passa uma sensação de familiaridade e intimista, e a fonte veio a servir bem a propósito. Usei essa tipografia e seus pesos em todos os títulos e textos da publicação, e acredito que foi o suficiente para dinamizar uma leitura rápida e comunicar eficientemente todas as mensagens necessárias.



Grafismos e Logotipo

O logotipo do projeto foi desenvolvido apenas quando este já estava em sua reta final. Eu quis definir a identidade do projeto em si, sua paleta de cores e tipografia, de acordo com o que considerasse melhor para a publicação. Priorizando cores neutras e a fácil legibilidade, criei uma identidade visual gráfica que desse suporte ao texto e as imagens sem distrair o leitor da mensagem principal. Existe uma atmosfera visual marcante em cada capítulo, com uma cor de paleta designada como principal para cada um deles, sendo a secundária as variações possíveis na paleta com essa cor predominante. Acredito que assim tenha criado uma identidade visual bem concisa, que conseguiu dar o suporte necessário à narrativa sem invadi-la, e que faz uma amarração geral entre os capítulos muito consistente.

O escrito e a imagem do logotipo vêm, principalmente, da ideia de ciclo e movimento. No início do projeto fiz o rascunho, que veio a ser usado como a ideia final, da composição simples de um círculo acima do título. A textura e as cores do elemento gráfico fazem alusão ao movimento e a conexão entre os capítulos - cada um desenvolvido com uma das cores ali representadas - e foram desenhados primeiramente à mão, e depois desenvolvidos em softwares de vetorização. Quis fazer uma textura vetorizada para que seguisse a linha de raciocínio dos outros grafismos, todos feitos em vetores desalinhados e assimétricos.

O *lettering* foi desenvolvido na ideia de movimento, como já citado, e também na ideia de “dar foco”. Como quando temos a visão embaçada por alguns segundos e depois conseguimos ver novamente de forma nítida, as primeiras palavras do título são duplicadas e sobrepostas, e a última palavra é escrita normalmente. Isso criou um foco de atenção maior na

palavra “tempo”, que é a principal do título, e deu uma ideia de movimento, sem prejudicar em nada a sua leitura, reprodução ou redução.



JÁ É TEMPO

- um diálogo entre suas passadas -



JÁ É TEMPO



JÁ É TEMPO



JÁ É TEMPO



JÁ É TEMPO



JÁ É TEMPO

- um diálogo entre suas passadas -





5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1- AS DIFICULDADES E O APRENDIZADO

Como evidenciado ao longo desse relatório, os conhecimentos obtidos nesse processo foram muito valiosos. Ter me aventurado por tantas novas áreas de estudo, da filosofia ao design, passando pela fotografia e filmagem, edição e pós produção, poemas e montagem de um site, me renderam muitas novas habilidades. Consigo agora ver claramente o quanto eu evolui principalmente em questão de coordenar e realizar um ensaio fotográfico. Em questão de pós produção, o que nos primeiros ensaios me gastou mais de 80 horas de testes, no fim era realizado em nem 30 minutos, e isso é fundamental para se desenvolver um trabalho profissional.

Todas as etapas tiveram as suas dificuldades a serem superadas, pois a maioria delas me era inteiramente novidade. Então mesmo que hoje eu consiga ver “defeitos” muito evidentes na conceitualização e no resultado, me sinto muito satisfeito com fim da publicação. Vejo ali muito esforço e muito suor dedicados a, principalmente, aprender como fazer todos esses processos e entendo que hoje, com experiência, realizaria um novo projeto desse com muito mais facilidade e desenvoltura.

Considero que adquiri um conhecimento geral valioso em função de como construir uma narrativa desde de seu princípio, e conseguir passar uma mensagem completa e coesa com ela. Entendo hoje mais sobre o processo de se fazer um ensaio mais honesto e divertido, e ao mesmo tempo consigo manejar melhor o tempo e o processo de pós produção. Vejo também melhor como manter reforçado um arco principal de narrativa em todos os elementos que compõem um projeto de design, ou qualquer contação de história, o que contribui inclusive para que eu melhore minha forma de comunicação interpessoal. Acredito que abri minhas portas da percepção para um novo mundo de possibilidades, e que consigo ter um vislumbre melhor do caminho que quero percorrer, assim como a personagem na publicação, entendendo hoje que posso escolhê-lo com sabedoria.

5.2- DISCUSSÃO

A discussão presente neste projeto pode tramitar por entre algumas diferentes esferas. Acredito que ela pode ser um exemplo de como fazer uso de novas possibilidades tecnológicas a fim de contar uma narrativa. Vejo que esse modelo poderia ser replicado desde uma campanha de marketing digital até livros e publicações mais experimentais como a minha, dando um embasamento, que não tive, para novas criações. Esse é um intuito muito forte desse projeto: abrir portas para que eu e mais pessoas possam se expressar nesse mundo hiperconectado.

Na esfera do design a comunicação é uma das bases mais fortes, e foi nela que me baseei ao tentar criar algo que comunicasse conceitos complexos de forma simples e acessível. O design é isso, afinal de contas, uma síntese de conceitos soltos numa só identidade, acessível, compreensível e inteligível por seu público alvo. Hoje, também, o design adquiriu uma esfera mais social e integrada ao bem estar da sociedade, e penso que nesse sentido a publicação também cumpre seu papel. Ela é um incentivo à melhora da percepção, uma síntese de conceitos abstratos - que guiam hoje acadêmicos, por vezes muito prolixos, que pensam sobre a humanidade - numa publicação de fácil acesso e compartilhamento. Penso que isso é cumprir também uma função social. Acredito que a evolução na direção de uma sociedade mais empática e conectada com sua natureza só pode ser realizada através da revolução da consciência pessoal e coletiva. É no incentivo à reflexão, às vezes em frases tão simples como “Esteja presente.” que pude tomar as rédeas de

vários processos em minha vida, e guiá-los a favor de algo que me fizesse sentir e ser melhor com esse mundo e comigo mesmo.

No sentido mais filosófico e conceitual, a publicação tem esse cunho de tornar simples uma discussão travada em níveis complexos. Quis incentivar o leitor a pensar sobre seu túnel de percepção e a entender a interconectividade extrema do mundo, e não dar respostas prontas e elaboradas. Entendo que esses ensinamentos podem tomar várias formas no nosso subconsciente, nem sempre apenas verbais, e que eles podem ser compreendidos e aplicados em sua totalidade sem que alguém tenha que fazer uma pesquisa científica sobre aquilo. Isso na verdade é uma coisa comum no cotidiano nosso: seguimos a nossa intuição o tempo todo e sabemos que nenhuma experiência ou conhecimento pode ser 100% compreendido apenas com palavras. Conhecimento vem da vivência, não é possível se aplicar um conhecimento que não está entranhado nas camadas mais profundas de seu ser. Empatia e conexão são sentimentos e se dão na esfera sutil do ser humano, e portanto é com essa camada que se deve trabalhar para poder incentivá-los.

Acredito que a publicação pode contribuir muito também com as discussões sobre o mundo contemporâneo e as implicações de novas formas de comunicar e compartilhar uma mensagem. Tanto nas ruas quanto na academia. Sendo integrada, atual e ao mesmo atemporal, a publicação trabalha no sentido de abrir essas discussões e não de fechá-las. Não dá para se afirmar com completa certeza nenhum questionamento que a publicação traz - sendo que eles foram minhas próprias perguntas sem resposta - e esse é justamente o cunho principal da publicação: incentivar para o que o leitor pense e adapte aquilo à sua necessidade e momento de vida. Assim, se ao final desse projeto, eu conseguir fazer com que alguém que leia minha publicação veja, nem que seja apenas o resto do seu dia, por uma outra perspectiva - mais integrada e conectada aos detalhes e sutilezas do mundo - entendo que a missão desses meses de trabalho foi cumprida. Me dispus a fazer algo que pudesse me ensinar muito desde o princípio e que pudesse servir de ponte para que eu comunicasse esse aprendizado, e nesse sentido vejo a publicação como completa.

6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

(JOHNSON, Steven. **Emergência: Dinâmica de Rede em Formigas, Cérebros, Cidades**, 1 ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2003)

(_____. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista com G.Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min)

(MOON, Rodrigo. **Devir Design**, Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2017.)

(RANGEL, Cássia Juliane. **Memórias da Caixa Preta**, Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2011.)

(<<https://medium.com/@memoakten/deepdream-is-blowing-my-mind-6a2c8669c698>>
acesso em: 31 ago. 2018)

Imagens retiradas da Internet:

<<https://www.instagram.com/magnumphotos>> acesso em 20 nov. 2018

<<https://www.instagram.com/evanmcohen>> acesso em 20 nov. 2018

<<https://www.ellenstaggart.com/>> acesso em 20 nov. 2018

< <https://www.instagram.com/winram/>> acesso em 20 nov. 2018

<<https://www.instagram.com/helenapcooper>> acesso em 20 nov. 2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(BARROS, Manoel de. **Um Livro sobre o Nada**, 1 ed., Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2016)

(GIBRAN, Khalil. **O Profeta**, Santos: Via Leitura, L&PM EDITORES, São Paulo, 2001)

(BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**, 1 ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2007)